



TEOLOGIA DA REFORMA NAS MÃOS DE ARGULA VON GRUMBACH

Theology of the Reformation in the hands of Argula von Grumbach

Kirsi Stjerna*

Trad. Alex Blasi de Souza

Resumo: O artigo apresenta a história de Argula von Grumbach, apoiadora e amiga de Lutero, bem como ativa participante no movimento da Reforma. Destaca os seus escritos, especialmente as cartas e panfletos que foram publicados e distribuídos. Argula, como muitas mulheres do seu tempo, assumiu o papel de esposa e mãe, e o expandiu com compaixão defendendo pessoas vulneráveis à sua volta.

Palavras-chave: Argula von Grumbach. Mulheres da Reforma. Teologia da Reforma

Abstract: The article presents the story of Argula von Grumbach, Luther's supporter and friend, as well as an active participant in the Reformation movement. Highlights her writings, specially the letters and pamphlets that were published and distributed. Argula, as many women of her time, took on the role assigned to her as wife and mother, and expanded it with compassion speaking out for the vulnerable around her.

Keywords: Argula von Grumbach. Women of the Reformation., Reformation theology.

Algumas palavras de introdução

Ao contrário do que sugerem os livros de história tradicionais, as mulheres no século XVI tiveram um papel significativo na divulgação e na implementação da teologia evangélica¹. Elas o fizeram em seus locais e vocações específicos. Muitas delas o fizeram em seus papéis como mães – uma vocação e um papel que ou limitava, ou ampliava as opções das mulheres, e um que

* Dra. em Teologia - Pacific Lutheran Theological Seminary/Graduate Theological Union, Berkeley, EUA. E-mail: kstjerna@plts.edu

¹ Para introduções biográficas e interpretação teológica, e para discussão metodológica, assim como informação bibliográfica, ver: STJERNA, Kirsi. *Women and the Reformation*. Malden, Oxford: Wiley Blackwell, 2009. Ver aqui também referências bibliográficas às obras Argula von Grumbach e Katharine Zell. Para um estudo pioneiro, ver: BAINTON, Roland. *Women of the Reformation in Germany and Italy*. N.p.: Academic Renewal Press. 1971, Augsburg Publishing House.

elas tinham certo poder decisório². É um desenvolvimento relativamente recente na academia que permite acesso às histórias, contribuições e escritos individuais dessas mães da fé protestante.

Minha intenção aqui é falar sobre Argula von Grumbach, uma apoiadora e amiga de Lutero, da teologia luterana e uma autora de panfletos de sucesso. Argula von Grumbach (1492?-1563?) foi uma mulher nobre e mãe da Baviera. Sua família estava no meio da batalha da Reforma na Baviera (irmão e tias saindo do convento...) e foi exposta cedo aos escritos de Lutero. Ao longo dos anos, ela estava pessoalmente em contato, em amizade, com vários reformistas, frequentando dietas e até procurando mediar conversas ecumênicas.

Argula tornou-se famosa ao escrever cartas para desafiar a Universidade de Ingolstadt – Johan Eck! – e o ataque dos professores a um jovem estudante acusado de heresia luterana. Ela considerou isto uma causa urgente de debate público³. Considero-a uma reformadora que emergiu (de certa forma) das margens como uma pessoa leiga e uma mulher; mas que estava em qualquer lugar menos nas margens; pelo contrário, ela se inseriu no meio da ação onde a Teologia da Reforma foi assumida, aplicada e vivida. Ela estava no centro devido ao seu contexto, as suas conexões pessoais (Lutero e família luterana) e seu próprio envolvimento – ela era uma voz minoritária em seu contexto, mas ela "expandiu"; ela escreveu cartas. Ela ganhou estatura como reformadora, um título que não lhe foi concedido até recentemente.

Mas primeiro, algumas palavras sobre as escolhas e contribuições que as mulheres tinham sobre a fé protestante. Sua primeira "contribuição" era escolher se a fé evangélica era para elas, e então, dependendo do que seu cônjuge tinha decidido em relação a sua tradição de fé, as mulheres tinham que escolher entre ficar com ou deixar seu cônjuge. Se escolhessem a opção evangélica para si, contra os desejos frequentemente explícitos e até mesmo violentos de seus maridos, as mulheres assumiam um risco significativo, um risco que poderia significar uma punição física, exílio, separação de seus filhos e filhas, ou divórcio e, com tudo isso, a possibilidade da pobreza, como foi o caso de Rene, na França. O mesmo é verdade quando elas participavam publicamente no sacramento da Ceia do Senhor comemorado na forma "reformada",

² Em um mundo onde a teologia e o ministério público pareciam permanecer uma prerrogativa masculina e onde os papéis básicos de gênero quase não mudaram como resultado das reformas, o aprendizado de mulheres foi desprezado como uma forma de não castidade intelectual. Além disso, a maioria das mulheres não tinha a educação nem os exemplos de mulheres necessários para fomentar nelas aptidões de liderança como professoras e escritoras. O recém-glorificado chamado ao casamento e à maternidade andou de mãos dadas com o fechamento dos conventos e apenas reforçou a exclusão das mulheres do púlpito e da sala de aula. As mulheres protestantes também não aspirariam ao chamado de uma mística ou uma visionária, como muitas de suas antepassadas medievais haviam feito, produzindo volumes de textos teológicos. As mulheres protestantes deveriam encontrar satisfação no chamado nobre da maternidade, que era tão glorioso quanto o dos sacerdotes e bispos (pelo menos em teoria). Foi através de sua própria definição de maternidade que algumas mulheres emergiram como escritoras de teologia. Mulheres protestantes, com ou sem filhos biológicos próprios, assumiram papéis como mães da igreja e, assim, puderam se tornar teólogas públicas de várias maneiras. A redescoberta dessas fontes expandiu o conjunto de fontes como critério para a reflexão teológica.

³ Neste contexto, entre 1523 e 1524, ela escreveu oito textos, panfletos, em língua alemã.

recebendo tanto pão como vinho (uma prática escandalosa para os leigos, acostumados aos sacerdotes recebendo esse privilégio). Este ato tornou-se um ato de confissão, um ato de rebelião e realmente o ato de “sair do armário” como protestante!⁴.

Mais contidamente, mas de forma tangível e significativa a longo prazo, as mulheres contribuíram no papel de pessoas cristãs que aceitaram os ensinamentos evangélicos – seja de persuasão Zwingliana, luterana, calvinista ou anabaptista – e depois criando seus filhos e filhas nessa fé. Esta foi a receita para o sucesso futuro da tradição da fé luterana. A contribuição geral de mães da Reforma consiste em histórias individuais de confissão e "maternidade" da nova fé.

Além disso, concluo que algumas mulheres reformistas aspiravam moldar a teologia evangélica e sua aplicação. Algumas, poucas, desejavam participar da interpretação do que os ensinamentos evangélicos realmente significavam. Algumas mulheres procuraram usar uma voz pública e desempenhar um papel educativo. Algumas, para todos os efeitos, optaram por agir em um papel de cuidado pastoral ou de liderança pastoral, sem convite "oficial" para fazê-lo. Algumas pegaram a caneta e escreveram, como o fez Katharina Schütz Zell⁵. Estas mulheres quebraram significativamente os limites e expectativas e assumiram riscos. Uma das mais famosas dessas mulheres com voz pública e autoras mais prolíficas é Argula von Grumbach, de Ingolstadt, Alemanha.

Argula

De modo condizente com o ensino protestante, Argula, que viveu em uma área fortemente católica na atual Baviera, deveria ter apreciado sua vocação materna – como fez Katharina von Bora. Essa era a expectativa para as mulheres e o recém-reconhecido chamado sagrado de maior importância. Como uma mulher nobre, ela havia sido preparada para o papel de uma esposa e uma mãe "estilo nobre", mas ela também se beneficiou de outro tipo de educação e preparação: ela teve acesso e o privilégio de livros, incluindo a Bíblia, desde uma idade precoce (Bíblia de Koburg). Desde o início, ela foi advertida, e ela deveria ter tido “bom senso”, para não ir muito longe naquele caminho de amar livros, até mesmo a Bíblia, pois isso qualificaria uma mulher como perigosa e impura.

Mesmo que Argula, com fluência na leitura, tivesse uma Bíblia muito cara como menina, ela foi desencorajada em relação a lê-la porque poderia ser ‘confusa’ para

⁴ Veja a história de Elizabeth von Braunschweig.

⁵ MCKEE, Elsie (Ed.). *Katharina Schütz Zell. The Life and Thought of a Sixteenth-Century Reformer*. Leiden, Boston, Köln: Brill, 1999; MCKEE, Elsie. *Katharina Schütz Zell. Church Mother. The Writings of a Protestant Reformer in Sixteenth-Century Germany*, transl. by Elsie McKee, Chicago and London: The University of Chicago Press, 2006.



ela, disseram os monges franciscanos que atuavam como conselheiros! Sua resistência indica 'menina jovem bastante religiosamente intensa'.⁶

É muito claro que Argula não deixou qualquer desencorajamento amortecer seus interesses. Nós sabemos que devorou sua Bíblia. Sabemos que ela escreveu. Sabemos de Argula exatamente porque ela escreveu. Não é surpresa que, exatamente por causa de sua escrita, ela foi atacada e orientada a voltar para suas atividades femininas. Por último, mas não menos importante, sua memória e seus escritos foram suprimidos por séculos.

Argula é um exemplo brilhante de *como* as mulheres escreveram e se envolveram, principalmente através de cartas. Além disso, mulheres escreveram guias ou manuais para suas filhas e seus filhos, músicas ou hinos e poemas, interpretações bíblicas, ou peças e diários autobiográficos. Isto é diferente das mulheres medievais, a saber: as mulheres da Reforma, em geral, não tinham visões místicas. As cartas teriam que ser o suficiente - cartas de "mães" em especial.

As cartas eram a ferramenta mais eficiente e diversificada: enquanto caráter privado, uma carta poderia ser usada para aconselhar, consolar, defender, ensinar, exortar, admoestar, gravar, lembrar, interpretar as escrituras e mediar. Além disso, as cartas eram frequentemente publicadas. Na verdade, cartas privadas entre mulheres podem ter sido concebidas para publicação e foram frequentemente criadas com um público maior em mente e com uma agenda⁷. Este é o caso com Argula. Obras como a dela abrem novas janelas para a tradição teológica da Reforma e seu estudo – seu conteúdo, impacto e recepção. Sua história ilumina a maneira como as mulheres se inseriram no desenvolvimento e na aplicação, e também como as mulheres explicitamente ou implicitamente defenderam o lugar de uma mulher em conversas teológicas.

Houve uma situação específica que compeliu Argula a escrever: Argula levantou-se para defender um estudante chamado Arsacius Seehofer, que foi encontrado com textos de Wittenberg. Depois de comparecer à retratação repleta de lágrimas (e coagida) de Arcasius (7 de setembro), ela voltou para casa em Dietfurt no domingo, 20 de setembro, e rapidamente escreveu sua carta "franca" para a Universidade. No mesmo dia, escreveu ao Príncipe (seu amigo de

⁶ MATHESON, Paul (Ed.). *Argula von Grumbach. A Woman's Voice in the Reformation*. Edinburgh: T&T Clark, 1995, p. 5.

⁷ Os exemplos de poderosas são muitos: uma nobre bávara, Argula von Grumbach, escreveu uma carta amplamente divulgada contra a universidade de Ingolstadt em defesa de um estudante acusada de heresia luterana; uma autora e esposa de pastor em Strasburg, Katharine Schütz Zell, escreveu uma carta vigorosa em defesa do casamento do clero, e dela própria; uma calvinista instruída da Itália, Olimpia Morata escreveu a suas irmãs sobre a importância da educação e para Anna de Guise na França sobre a responsabilidade do governante de assumir riscos na defesa dos perseguidos; uma ex-freira casada e historiadora de Genebra, Marie Dentièrre, escreveu uma carta à Rainha Marguerite de Navarra, que incluiu uma explosiva "defesa das mulheres" e seus direitos na igreja; uma "mãe da igreja" e governante nobre, Elisabeth von Braunschweig, escreveu a seus súditos como "mãe territorial", informando-os sobre a nova fé luterana a ser instalada em suas terras. Claramente, essas cartas eram empregadas politicamente, teologicamente, espiritualmente e pessoalmente.

infância), duque Wilhelm. Isso, diz Kolde, foi "uma chamada programática por Reforma."⁸ Argula exigiu que os homens da Universidade provassem a ela, a partir das escrituras, por que consideraram o jovem – ou Lutero – herético.

As obras publicadas de Argula incluem uma carta de 20 de setembro de 1523, à Universidade de Ingolstadt (impressa em 14 edições) e outra para o duque Wilhelm (IV); cartas de 28 de outubro de 1523, ao prefeito e ao conselho da cidade de Ingolstadt; de 1º de dezembro de 1523, ao conde palatino Johann von Simmern e Fredrick o Sábio; e, mais tarde nesse mês, uma carta para o conde Adam von Thering. É importante notar que depois de 1524, ela não escreveu, mas mais ou menos desapareceu. A próxima carta que se tem conhecimento foi escrita em 29 de junho de 1524, para a cidade de Regensburg.

Também é digno de nota que, depois que Argula escreveu sua terceira carta em 27 de outubro à cidade de Ingolstadt para pedir apoio, o Prof. Hauer da Universidade Católica de Johan Eck proferiu o seu terceiro e mais "venenoso" sermão, em 8 de dezembro, sobre as desgraçadas crianças de Eva: uma mulher maligna, diaba arrogante, puta herética⁹. Sim, mas é claro! Este sermão não foi uma mera coincidência. "O assunto agora era causa célebre."¹⁰ Houve indignação da Universidade! Essa diaba tinha que ser punida!

Desconsiderada pelos professores como uma "puta" desesperada, ela deveria ser punida por meio de seu marido, que, depois de perder sua posição, ergueu a mão contra ela. Argula descreveu isso como sendo seu marido perseguindo o Cristo nela. Ela também poderia perder um dedo, homens no poder contemplaram fazer isso com ela para silenciá-la.

Não dissuadida, Argula continuou sua campanha através de cartas por um período relativamente curto, naquela janela de oportunidade para autores leigos, escrevendo implacavelmente e sem escrúpulos para homens nobres em cargos de autoridade. Suas cartas publicadas de 1523-1524 fizeram dela a luterana mais famosa e uma autora de panfletos de sucesso¹¹. Mas, como dito, ela não publicou nada depois de 1524. É através dos seus escritos que sabemos de sua visão, experiência, teologia bíblica e ações de Reforma, e que ganhamos uma janela para a realidade das batalhas da Reforma.

É notável como, neste contexto, e contra todas as probabilidades, Argula defendia abertamente e em voz alta a teologia luterana, e que ela se sentiu empoderada a fazê-lo. Podemos identificá-la claramente como escritora protestante: Argula argumentou sobre e com a Palavra e com uma compreensão protestante da Palavra. A autorização dela surgiu da Bíblia que conhecia bem – além de seu status de "von Stauff". Sua preocupação pessoal era com a

⁸ MATHESON, 1995, p. 18.

⁹ MATHESON, 1995, p. 19.

¹⁰ MATHESON, 1995, p. 18.

¹¹ Ver: MATHESON, 1995.

adequada interpretação da Bíblia em assuntos que tinham impacto em vidas humanas. Ela viu-se no centro dos eventos, ela mesma se convidou para assuntos que, supostamente, não eram da sua conta – e ela fez isso em um contexto em que ela estava no lado perdedor: a Baviera permaneceu ferozmente católica.

Argula não apenas publicou, como também defendeu explicitamente a teologia e os professores protestantes – uma rara voz de mulher nisso tudo: "O que Lutero ou Melanchthon lhes ensina senão a palavra de Deus? Você os condena sem tê-los refutado... Por minha parte, devo confessar, em nome de Deus e da salvação da minha alma, que se eu negasse a escrita de Lutero e Melanchthon, eu estaria negando a Deus e a sua palavra..."¹², afirmou ela. Importante destacar que ela fez isso contra o mandato oficial de 5 de março de 1522, que proibia ideias luteranas em Munique.

A questão em jogo para Argula era a integridade da própria Palavra de Deus – a fonte da verdade – e ela entendia isso. Ela prova isso repetidas vezes em seus escritos, que foram generosamente infundidos com referências bíblicas:

'Eu lhe imploro em nome de Deus e exorto-o pelo julgamento e pela justiça de Deus, para me dizer por escrito qual dos artigos escritos por Martin ou Melanchthon você considera herético. Em alemão, nem um só me parece herético. E o fato é que muito foi publicado em alemão, e eu li tudo... Eu sempre quis encontrar a verdade... Não pretendo enterrar meu talento, se o Senhor me dá graça.'¹³

Ela estava escrevendo como uma mulher, mas antes de mais nada, como teóloga cristã vivendo o sacerdócio de todas as pessoas crentes que abraçaram o primado supremo das escrituras e, com isso, ela estava na linha de professores da igreja como Agostinho, procurando (e protegendo) a verdade, e nada além disso.

Inspirada pela religião, ela não teve medo de se tornar política. Ela estava ativamente pressionando, escrevendo para as pessoas e "navegando como uma mulher solitária", com acesso a pessoas em altas posições. Sua causa não deveria ser descartada "apenas" por ela ser uma mulher. Assim, ela mesma declarou como clara referência à doutrina de justificação por graça para TODAS as pessoas:

'O que eu escrevi para você não é um bate-papo de mulher, mas a palavra de Deus; e (eu escrevo) como membro da Igreja cristã, contra a qual os portões do inferno não podem prevalecer... Deus nos dê Sua graça, para que *todas as*

¹² MATHESON, 1995, p. 76-77.

¹³ MATHESON, 1995, p. 86-87.



peças possam ser salvas, e que (Deus) nos julgue de acordo com sua vontade. Agora, que Sua graça carregue o dia.¹⁴

É a partir do fundamento bíblico e de sua convicção que a fé cristã chama para ação, que Argula corajosamente se liberta dos limites estabelecidos para as mulheres em seu tempo. Segundo ela, havia chegado o tempo de as mulheres virem à frente e liderarem:

'Sim, e enquanto escrevi por minha conta, uma centena de mulheres emergiriam para escrever contra eles. Pois há muitas que são capazes e mais educadas que eu; como resultado, elas podem vir a ser chamadas de 'uma escola para mulheres'... Devemos *confessar* publicamente...'¹⁵

Argula fez uma escolha interessante de palavras: confessar, publicamente, devemos. Também é importante notar seu senso "feminista" de sororidade e de experiência de mulheres.

A propósito, como teria Lutero se sentido em relação a essa mulher, falando abertamente a favor da teologia defendida por ele? Lutero considerava Argula, a mulher bávara, um valente instrumento de Cristo, uma verdadeira e exemplar confessora de fé¹⁶. Lutero chegou a afirmar que ela era uma discípula de Cristo contra os porcos em Ingolstadt¹⁷.

Além dos princípios de *Sola Scriptura* e do Sacerdócio de Todas as Pessoas Crentes, fáceis de observar nos escritos de Argula, outros temas teológicos importantes para ela são característicos de convicções luteranas. Ela estava confiante de que a salvação não é obtida, mas sim recebida como um presente de fé (Todos e todas – homens e mulheres). A salvação é baseada no trabalho de Cristo. O Espírito Santo é ativo e presente além das estruturas institucionais da igreja, soprando autorização para proclamar a Palavra em lugares inesperados. Mais especificamente, talvez, seu radar atinge um tema de grande importância teológica: justiça e liberdade cristã. No fundo, toda a teologia luterana se reduzia para ela no seguinte: que ela tinha seu devido e justo lugar nas mesas redondas teológicas onde os evangélicos negociavam assuntos de fé, e que ela, como mulher, tinha acesso igual às verdades bíblicas, e que a religião nunca deveria ser usada para coagir as pessoas – isso seria contra a liberdade que ela leu nos evangelhos.

Para ela, a teologia era menos sobre a articulação minuciosa das divisões doutrinárias e mais sobre compaixão e defender as pessoas vulneráveis. Ela confessou com paixão: "Estou

¹⁴ MATHESON, 1995, p. 90. "Eu sou chamada de seguidora de Lutero, mas não sou. Fui batizada em nome de Cristo; é Ele que eu confesso e não Lutero. Mas eu confesso que Martin, também, como um fiel cristão, também o confessa." (carta de 1523 a Adam von Thuring, Administrador do Conde Palatino em Neuburg), p. 145.

¹⁵ MATHESON, 1995, p. 120-121.

¹⁶ Sobre Lutero e Argula, ver BAINTON, 1971, p. 106-109; LUTERO, Martin. *D. Martin Luthers Werke: kritische Gesamtausgabe. Briefwechsel*. Weimar: Herman Boehlaus Nachfolger, 1930-1985, vol. 4, p. 605 e 706; vol. 2, p. 509.; vol. 3, p. 247/25-34 21; vol. 3, p. 235. Também MATHESON, 1995, p. 18-21, notas de rodapé 48, 58

¹⁷ LUTERO, 1930-1985. v. 3, p. 235.



preparada para perder tudo - mesmo vida e membros do meu corpo. Que Deus esteja comigo! *De mim, não posso fazer senão pecar.*" Além disso, "eu tinha a intenção de manter minha escrita privada; agora vejo que Deus deseja que ela seja tornada pública. Que agora sou abusada por isso é uma boa indicação de que é de Deus..."¹⁸ É interessante observar como Argula valida sua atividade de escrita a partir de sua experiência de sofrimento. Ela havia visto as pessoas sofrerem por sua fé; ela sabia do crescente número de mártires nos Países Baixos. Sua própria família teve sua parcela de tragédia e morte. Seu Deus estava presente em tal sofrimento. Ela não estava com medo.

Poder da palavra compassiva

Argula – bem como sua contemporânea de Strassburg, Katharina Schutz Zell – obviamente agiu motivada e empoderada pelo princípio de *sola scriptura*. Ali era encontrado o empoderamento e o chamado para intervir: quando o Evangelho estava em perigo. Uma afirmação que poderia ser tipicamente de Lutero, mas Argula faz uma distinção importante. Por exemplo, Argula escreveu para o duque Wilhelm: "A palavra de Deus sozinha deveria – e deve – governar todas as coisas. Eles dizem que essa é palavra de Lutero; mas as palavras não são de Lutero, mas de Deus."¹⁹ Seu chamado era para que as pessoas se concentrassem nas coisas "certas". Argula aqui está sendo uma verdadeira reformadora luterana. Ela faz um chamado para não focar na pessoa de Lutero, mas nas questões: liberte o evangelho e liberte com o evangelho!

Também como Lutero, Argula escreveu com base em sua experiência pessoal transformadora do trabalho redentor de Cristo. Ela foi descaradamente protestante em sua proclamação da doutrina da justificação somente pela graça e pela fé, e aplicava isso em seu ministério – sim, podemos chamar sua atividade como uma forma de ministério, e não como uma atividade rebelde, fora da norma, sem significado. Ela atuou no papel profético de uma teóloga evangélica, uma forma de ministério. O que também faz suas ações uma forma de "ministério" é o estímulo e a orientação para elas: sua preocupação pelo bem-estar de outras pessoas. A Palavra a compeliu a esse respeito.

Argula viveu conforme sua compreensão do chamado que recebeu como alguém batizada no Sacerdócio de Todas as Pessoas Crentes. Ela assumiu riscos significativos nesse chamado ao serviço da Palavra de Deus, talvez até influenciada pelo apelo de Lutero à nobreza cristã.

Um estímulo significativo para ela foram as convicções teológicas compassivas que a compeliram a agir contra a injustiça e a violência testemunhadas. Argula repreendeu os professores de Ingolstadt: "Como, em nome de Deus, vocês e sua universidade esperam

¹⁸ MATHESON, 1995, p. 149.

¹⁹ MATHESON, 1995, p. 101 e 108.

prevalecer, quando vocês aplicam essa violência tola contra a palavra de Deus... Eu sou obrigada como uma cristã a escrever para vocês."²⁰ Ela agiu de forma semelhante, por exemplo, a Brigitta da Suécia, a quem Deus falou e a quem compeliu a falar e fazer coisas "ultrajantes", em benefício da igreja e seu povo. Sua teologia evangélica foi expansiva e prática: a liberdade de consciência prometida no evangelho chamou as pessoas cristãs a ignorar as diferenças doutrinárias e confessionais e erradicar a injustiça. A própria fonte de sua teologia compassiva e de sua corajosa ação cristã foi sua experiência implacável, onipresença e justiça amorosa de Deus.

Uma característica especial da escrita de Argula – e de várias outras mulheres – é o chamado especial que mulheres protestantes e teólogas leigas empregavam: a maternidade. Sem usar esse termo específico – como fez Katharina Schütz Zell – Argula escreveu teologia como mãe de igreja, estendendo seu chamado materno para além de sua própria família²¹. Argula educou as crianças nos princípios luteranos e, mais tarde, seus filhos educados em Wittenberg.

De modo geral, o chamado da maternidade substituiu as experiências místicas e visões sobrenaturais que tinham sido a principal autorização para os escritos teológicos das mulheres medievais. A maternidade, fortemente promovida pelos reformadores como modelo exclusivo de chamado e santidade para as mulheres, foi interpretada pelas próprias mulheres como drasticamente mais expansiva – como uma abertura para exercer sua fé como evangélicas. Assim, em vez de limitar as mulheres dentro de suas casas, na verdade, na própria experiência das mulheres, a maternidade tornou-se o chamado de sair para o mundo e cuidar publicamente das coisas – como da teologia.

Conclusão

As mulheres protestantes no século XVI escreveram sem visões ou experiências místicas ou treinamento escolástico. Elas expandiram o chamado doméstico projetado para mulheres como mães para incluir o cuidado da Palavra e com a Palavra. Tipicamente compelidas por uma situação específica, guiadas pelo seu amor e conhecimento das escrituras, empoderadas pelo seu senso de dever cristão no que diz respeito ao evangelho, as mulheres escritoras emergiram como teólogas das Escrituras e contextuais; conhecedoras dos princípios teológicos protestantes e, como tal, podem ser reconhecidas como reformadoras. As "mães" interpretaram as escrituras para si e para outras pessoas, cujo bem-estar dependia delas, criativamente usando os meios disponíveis.²² Elas também praticaram teologia evangélica em seus próprios locais, mais caracteristicamente em defesa das pessoas em vulnerabilidade e sofredoras, ou com intenções

²⁰ MATHESON, 1995, p. 75.

²¹ STJERNA, 2009, p. 32-39.

²² Elisabeth Cruciger escreveu hinos, por exemplo. Veja: HAEMIG, Mary Jane. Elisabeth Cruciger (1500?-1535): The Case of the Disappearing Hymn Writer. *The Sixteenth Century Journal*, vol. 32, no. 1, p. 21-44, spring 2001.



catequéticas. Se houver uma palavra para caracterizar a teologia das mulheres do século XVI, é a palavra compaixão. As mulheres escreveram, cantaram e atuaram como reformadoras protestantes, sem visões místicas ou formação teológica, mas com muita compaixão e sabedoria.

Referências:

BAINTON, Roland. *Women of the Reformation in Germany and Italy*. N.p.: Academic Renewal Press. First published 1971, Augsburg Publishing House.

HAEMIG, Mary Jane, "Elisabeth Cruciger (1500?-1535): The Case of the Disappearing Hymn Writer," *The Sixteenth Century Journal*, Vol. 32, No. 1 (Spring, 2001), pp. 21–44.

LUTERO, Martim. *D. Martin Luthers Werke: kritische Gesamtausgabe. Briefwechsel*. Weimar: Herman Boehlaus Nachfolger, 1930-1985.

MATHESON, Paul (Ed.). *Argula von Grumbach. A Woman's Voice in the Reformation*. Edinburgh: T&T Clark, 1995.

MCKEE, Elsie (Ed.). *Katharina Schütz Zell. The Life and Thought of a Sixteenth-Century Reformer*. Leiden, Boston, Köln: Brill, 1999.

_____. *Katharina Schütz Zell. Church Mother. The Writings of a Protestant Reformer in Sixteenth-Century Germany*, transl. by Elsie McKee, Chicago and London: The University of Chicago Press, 2006.

STJERNA, Kirsi. *Women and the Reformation*. Malden, Oxford: Wiley Blackwell, 2009.